



## DANÇANDO NA ESCOLA: IMPROVISAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ENSINO PARA COMPOSIÇÃO

VICTOR TECHERA SILVEIRA<sup>1</sup>;  
ANDRISA KEMEL ZANELLA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – victor.techera.silveira@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – professoraandrisakz@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O texto a seguir relata as minhas experiências como estagiário<sup>1</sup> na disciplina de Estágio em Dança III do curso de Licenciatura em Dança da UFPEL, no 2º semestre de 2019. Essa vivência aconteceu na escola E.E.E.M. Dr. Joaquim Duval com 8º ano, turma 81, com alunos entre 13 e 15 anos de idade. A improvisação em dança foi o foco do projeto de ensino elaborado para a turma, pensando improvisação como meio de um processo de composição que surgira através das atividades de exploração com o corpo.

O processo de improvisação em dança que me refiro neste trabalho é embasado por SANTINHO; OLIVEIRA (2013), que definem improvisação como “inspiração da ocasião”, algo que reverbera no corpo sensações do “aqui” e do “agora”.

Percebo que trabalhar a improvisação com os adolescentes tem diversas vantagens. Dentre elas, o fato de não se prender a uma modalidade específica de dança como ballet clássico ou danças urbanas por exemplo. Improvisar em dança requer o movimento e um corpo disponível para explorar diversas possibilidades. Isso repercute em um processo inclusivo, na construção da consciência corporal e na valorização da bagagem de movimento, que é singular em cada aluno.

As atividades realizadas utilizaram duas formas de improvisação em dança, que de acordo com GUERREIRO (2008) são obtidas por restrições e escolhas, delineando agrupamentos por semelhança e classificando modos de uso da improvisação. Para a autora, há duas formas de improvisação: improvisação sem acordos prévios, onde os arranjos necessitam apenas de um estímulo para que a improvisação aconteça – relações habituais da dança que surgem através das atividades que se realizam durante as aula; improvisação com acordos prévios, contendo duas classes: I – improvisação em processo de criação, onde acontecem experimentações anteriores a apresentação final; II – improvisação com roteiros, possuindo regras prévias como restrições pré-determinadas que acontecem durante a apresentação.

O processo de improvisação na sala de aula convergiu com o pensamento de ensino de arte baseado na abordagem triangular. Aplicada no âmbito da dança o fazer/fruir/contextualizar sem uma ordem para esses processos metodológicos de ensino acontecerem se justificam, pois de acordo com BARBOSA; COUTINHO (2011) em nossa cultura produzimos arte porque apreciamos arte e gostamos de conversar sobre arte.

---

<sup>1</sup>Cabe ressaltar que a regência foi compartilhada com a colega de curso Nayane Machado Lima de Melo.



A Proposta Triangular vem nesta direção designar os componentes desse ensino por três ações mentalmente e sensorialmente básicas: a produção (fazer artístico), a leitura da obra ou imagem e a contextualização. (BARBOSA; COUTINHO, 2011, p. 50)

## 2. METODOLOGIA

Durante as aulas na escola foram realizadas diversas atividades com a temática improvisação como meio de composição coreográfica. Todas essas atividades tinham como objetivo fazer os alunos explorarem movimentos improvisados, trazendo suas bagagens pessoais e utilizando algum fragmento desses *motifs*<sup>2</sup> para a composição final do estágio.

Nome em forma de movimento (em roda falamos nosso nome variando a forma de falar e dando um movimento para essa fala), chamada em movimento (os alunos agachados espalhados pela sala levantam apenas ao escutarem seus nomes), carrinho humano (em duplas, um de olhos fechados representando o carrinho o outro será o motorista dando comandos para guiar o colega representando o carrinho), telefone sem fio corporal (todos de mãos dadas em roda, com os olhos fechados realizam um movimento na parte da mão e esse movimento tem que passar por todos os colegas até chegar na pessoa que enviou), copia e cola corporal (em uma fila, o primeiro faz um movimento e vai até o final da fila, o próximo repete o mesmo movimento e acrescenta mais um, e assim sucessivamente), trajetória em forma de dança (o aluno descreve sua trajetória até chegar na escola em um papel e transforma essa trajetória em movimento). Essas atividades trabalhavam a consciência corporal, confiança entre os colegas, trabalho de plano e espaço e o processo de pensar a dança no próprio corpo e no corpo do outro.

As aulas começavam com um aquecimento dinâmico do corpo, uma atividade corporal, como as citadas acima e alguma exploração de improvisação em dança. Pensando sempre na ideia do trabalho de GUERREIRO (2008) sem acordos prévios, com acordos prévios: com roteiro e em processo de criação.

Um exemplo de improvisação com acordos prévios por roteiro, foi quando utilizamos a cadeira como elemento cênico. No roteiro da improvisação estavam elencados algumas regras prévias como: começar atrás da cadeira, subir na cadeira e movimentar a cadeira. Essas ações tinham que aparecer de alguma maneira na composição final daquela experimentação, tendo como resultado a improvisação com acordos prévios por roteiro.

Outro processo de improvisação que trago como exemplo é o trabalho da trajetória desses adolescentes, poder transformar essas ações cotidianas vivenciadas até chegar a escola em dança foi muito criativo para os alunos, pois todos os movimentos explorados foram trazidos pelos mesmos, fazendo com que eles reconhecessem e validassem a dança existente em seu dia a dia.

Na atividade trajetória em forma de dança foram explorados movimentos trazidos pelos alunos: abrir a porta do quarto, colocar a mochila, pular a poça d'água, ficar de pé no ônibus em movimento, cumprimentar alguém, entre outros. Na segunda etapa trabalhou-se com a repetição para memorização da movimentação. Terceira etapa a realização de dois movimentos ao mesmo tempo. Quarta e última etapa agregou-se algum fragmento dessa exploração na composição final.

<sup>2</sup>Motif é o nome dado a sequência/célula de movimento criada.



Sempre no final de cada aula eram realizados gravações para fins de avaliação e registro do estágio<sup>3</sup>. No final do semestre realizamos uma roda de conversa sobre tudo que foi trabalhado durante as aulas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por ser um trabalho que foi realizado há dois anos todo o processo de análise foi feito através do relatório de estágio e de registros (plano de aula, atividades realizadas, fotos e vídeos). Na época ele foi finalizado com uma composição coreográfica utilizando as cadeiras e alguns elementos das atividades realizadas.

Os alunos sempre pediam funk como uma música para as composições. No entanto devido a inúmeras questões que envolvem esse estilo musical, não era permitido utilizar essas músicas na escola. Conversando com a professora regente e mostrando uma música instrumental sem letra, apenas com a batida do funk conseguimos utilizar esse estilo e os alunos se apropriaram de uma forma mais orgânica das movimentações de improviso com a cadeira.

Uma das coisas que não funcionou durante esse estágio foi a improvisação sem acordos prévios. A liberdade demasiada sem um guia norteador de movimentação assustava os alunos e os deixavam perdidos durante essa exploração.

A cada atividade de exploração corporal através da improvisação os alunos ficavam mais desinibidos e mais engajados com as propostas de aula. A improvisação, por ser algo do “agora” traz um desafio e tira o nosso corpo da zona de conforto.

Após essas atividades o corpo dos alunos reconhecia e se apropriava dos movimentos de uma maneira mais natural. Quando lhes foi solicitado para comporem uma célula coreográfica surgiram muitos trabalhos bem elaborados, pois tiveram que utilizar a cadeira como elemento cênico, a improvisação com acordos prévios e o funk como música. Dessa forma tudo ficou mais inclusivo para os alunos.

### 4. CONCLUSÕES

É incrível pensar quanto o trabalho de exploração corporal com os alunos dentro da escola pode desencadear uma série de vantagens em diversos aspectos. O que considero mais importante é poder transformar o espaço de ensino da dança na escola um ambiente para entendermos o mundo e suas peculiaridades pensando também o nosso lugar nele.

A dança por ser trabalhada no/pelo/com o corpo levanta assuntos políticos estéticos e sociais que nos fazem pensar sobre nós, o outro e a relação existente entre esses corpos. De acordo com Marques (2011) esses assuntos constroem pontes entre as vivências do espaço fora da escola com o ensino realizado dentro da mesma, fazendo com que esse lugar não seja um espaço não crítico e sem conexão com a realidade dos estudantes.

<sup>3</sup>Vídeo de avaliação final de Estágio em Dança III contendo as atividades realizadas. Disponível em: <https://youtu.be/lGsf2ekLO3U>



Marques (2011) também nos faz pensar sobre a docência e o artista-docente. Pois ela necessita que o professor tenha uma gama de conhecimento da área, para que assim possa escolher a melhor forma de trabalhar conteúdos da dança e os assuntos políticos trazidos pelos alunos.

Para finalizar, um adendo desse estágio, foram as aulas extras que tive que ministrar para outras turmas para complementar a carga horária. Trabalhei a exploração corporal e uma composição coreográfica com cadeiras, utilizando acordos prévios por roteiro. Surgiram diversas composições e muito aprendizado dando aula para mais de 12 turmas diferentes em menos de 1 semana.

Essas atividades extras fizeram perceber como esses alunos sentem falta do que lhes é de direito: a liberdade de expressão e de escolha para certas atividades escolares. MEIRA; SOTER e PRESTO (2016) falam sobre existir uma proibição dentro das escolas fazendo com que os alunos queiram reconquistar o seu lugar naquele ambiente. Como professor essa experiência me fez refletir sobre a existência da arte, mais especificamente a dança, nos diferentes corpos e espaços existentes dentro da escola e de que maneira dar mais autonomia para os alunos utilizando recursos de suas bagagens e trajetórias pessoais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA. Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológico** d02. Rede São Paulo de Formação Docente - Curso de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. São Paulo: UNESP, 2011.

GUERRERO, Mara Francischini. **Formas de improvisação em dança**. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2008. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1253/1350>> Acesso em: 09 agosto. 2021

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo, Cortez, 2011.

MEIRA, Beá; SOTER, Silvia; PRESTO, Rafael. Arte Urbana. In: MEIRA, Beá. **Percursos da arte: volume único**: ensino médio. São Paulo. Ed. Scipione, 2016.

SANTINHO, Gabriela Di Donato Salvador e OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Improvização em Dança**. Guarapuava: UNICENTRO, 2013. 72 f.